

Zanoni, de Bulwer-Lytton: Uma Aventura em Consciência da era Vitoriana

Maureen Richmond, M.A.

<https://www.rosecroixjournal.org/archive>

Tradução: F.R.C. Renato Duarte Caraciola

Supervisão: Loja Rosacruz Mares AMORC

Sumário

O romance de 1842 de Edward Bulwer-Lytton, intitulado *Zanoni*, incorpora e exemplifica pelo menos três gêneros significativos para o mundo literário vitoriano - 1) Estranho ou Gótico, 2) Elegante, Sentimental ou Literatura do “Berço de Ouro” e 3) Ficção Oculta. As características desses gêneros misturam-se com o interesse inato do autor em metafísica, ocultismo, classicismo, idealismo e filosofia espiritual para formar uma mostra intelectual que aborda questões existenciais conhecidas em todas as eras, mas que estavam sendo estudadas profundamente na era vitoriana. A mensagem principal do romance é que, enquanto a comunhão com os mundos espirituais superiores enobrece a psique humana, o esforço para se desligar completamente das preocupações terrenas parece ir contra a verdadeira natureza humana. O autor dirige o enredo de modo a afirmar o valor da vida e da experiência humanas, mesmo diante de forças políticas e sociais desmoralizantes. Desta forma, Bulwer-Lytton corta seu próprio caminho no pensamento vitoriano e se torna um líder do sentimento público, como demonstrado por sua vasta e impressionante popularidade literária.

I. Tese

A era vitoriana tem sido caracterizada como um período de ansiedade espiritual durante o qual novos paradigmas científicos, educacionais, sociais e filosóficos surgiram e entraram em conflito com a teologia cristã protestante anteriormente dominante. Refletindo essa tensão, a literatura do período descreve os conflitos internos e externos a respeito da fé, e uma questão muito importante sobre os ideais sobre a qual a fé deve ser colocada. Em poemas e romances escritos ao longo da era vitoriana, esse diálogo espiritual interno se intensificou. No que pode ser uma resposta à necessidade de orientação espiritual, a nova forma surgiu e apresentou personagens que lutavam com perguntas familiares ao indivíduo vitoriano comum. Um desses casos é o romance *Zanoni*, do autor vitoriano britânico Edward Bulwer-Lytton.

Cheio de elementos vitorianos clássicos, como espíritos e acontecimentos paranormais, gostos aristocráticos, alusões aos tempos clássicos, conflito entre o ideal e o real, homilias de edificação espiritual e a disparidade entre o puramente espiritual e o puramente material, de Edward Bulwer-Lytton, de 1842 o romance intitulado *Zanoni* incorpora floreios de período que situam claramente esse trabalho em seu tempo e lugar. Mesmo assim, seu autor pressiona além dos marcadores conhecidos da literatura vitoriana para criar gêneros originais e administrar a questão da evolução espiritual de uma maneira notavelmente sensível, de uma maneira que revela que o autor compreendeu claramente a diferença entre um ideal espiritual completamente ascético, por um lado, e por outro, abraça um ideal mais humanizado entre espírito e corpo.

II. Classificação de gênero de Zanoni de Bulwer-Lytton

Um fator único e que chama a atenção no cenário literário, o *Zanoni* de Bulwer-Lytton tem sido percebido como muitas coisas por muitas perspectivas. Críticos e analistas literários

classificaram esse trabalho como tudo, desde literatura gótica e fantasma a romances modernos, sentimentais ou literatura do “Berço de Ouro”, bem como ficção oculta. Com destaque para uma série de presenças espirituais que operam de várias maneiras, a história contada em *Zanoni* se enquadra facilmente no gênero fantasma tão amplamente representado na literatura vitoriana, período que alguns consideram quase sinônimo da literatura de fantasmas (Armitt 2002, 151). Tornar ainda mais razoável considerar *Zanoni* um membro do gênero fantasma vitoriano é o fato de o autor ter sido descrito como "... um mestre do terror fantasmagórico" (Mulvey-Roberts 88). No entanto, igualmente convincente é o argumento para categorizar *Zanoni* como gótico, um gênero que não é novo na era vitoriana, mas que surgiu no final do século XVIII e que teve um renascimento durante o século seguinte (Kitson 2002, 164). No século anterior à era vitoriana, o termo gótico simplesmente conotava o assunto arcaico e medieval (Kitson 2002, 164). No entanto, no século XIX, o termo gótico adquiriu novas e mais precisas conotações. Na época do escritor vitoriano Bulwer-Lytton, a novela gótica passou a ser caracterizada pelo assunto transformando assombrações, castelos, macabros, psicologia anormal, a interface do paranormal com o cotidiano, o exagero da ansiedade e, por um estilo literário que se baseava em dispositivos narrativos complexos, permitia digressões, exibia prolixidade e não possuía nenhuma presença autoral objetiva e confortadora (Kitson 2002, 165). Pelo menos um estudioso contemporâneo da análise de gênero posicionou firmemente o *Zanoni* de Bulwer-Lytton nessa categoria (Mulvey-Roberts 2002, 83). De fato, esse mesmo estudioso identificou Bulwer-Lytton não apenas como escritor gótico, mas também como progenitor de um tipo específico de romance gótico vitoriano, que ela chama de "gótico metafísico". O gótico metafísico é um gênero caracterizado por uma abordagem intelectual. à magia, misticismo e espiritualidade, cujos textos geralmente incluem notas de rodapé acadêmicas e discussões filosóficas integradas perfeitamente à trama e à página impressa (Mulvey-Roberts 2002, 86). Como será mostrado, *Zanoni* de Bulwer-Lytton contém esses mesmos elementos e, portanto, com boas razões, pode ser classificado como um romance gótico metafísico.

No entanto, não é apenas a criação do romance gótico metafísico com o qual Bulwer-Lytton é creditado. É importante ressaltar que Bulwer-Lytton também é considerado um dos principais arquitetos do elegante, literatura do “Berço de Ouro” ou romance sentimental da Era Vitoriana (Cronin 38, Powell 61). O romance desse gênero extrai seus personagens da classe privilegiada e aristocrática, retrata um mundo exclusivo, emprega locais conhecidos e reais, ambientes, lojas e locais de entretenimento e descreve uma trama melodramática realizada principalmente pelo dispositivo literário de diálogo ou conversa (Cronin 2004, 38 - 39). Na medida em que o enredo de *Zanoni* apresenta um misterioso adepto oculto de riqueza fabulosa, ocorre em locais conhecidos em Nápoles e Paris, segue vários personagens agarrados em dramáticas emoções pessoais e se move frequentemente pelo dispositivo do diálogo, isto dificilmente aumenta a credulidade para colocá-lo no gênero do Elegante, Sentimental ou Literatura do “Berço de Ouro”.

Considerando *Zanoni* à luz do Elegante, Sentimental ou Literatura do “Berço de Ouro”, revela que Bulwer-Lytton achou que não estava sob responsabilidade dele, como escritor, atender à fome vitoriana de sofisticação e classe. De fato, a vida privilegiada e culta foi tratada em vários romances de Bulwer-Lytton. Como parte de um impulso maior na carreira de escritor de Bulwer-Lytton, *Zanoni* continua o tema da alta sociedade educada, um ambiente aparentemente de grande interesse para seu público. Em *Zanoni*, Bulwer-Lytton apresenta um homem afável que lidera o elenco de personagens e que define um estilo espiritual e de alfaiataria admirado por todos. Talvez um pouco do próprio Bulwer-Lytton apareça nesse protagonista chamativo, mas de bom gosto, um símbolo do que o autor poderia ter imaginado

secretamente ou esperava que fosse. Na realidade, Bulwer-Lytton perseguiu a vida da crosta superior privilegiada e de lazer em sua vida média e posterior, seguindo os sucessos financeiros de seus primeiros romances. Assim, ver *Zanoni* através das lentes do Elegante, Sentimental ou Literatura do “Berço de Ouro” traz à tona o lado autobiográfico do texto como emblemático das preocupações do próprio autor. Talvez *Zanoni* até incorpore o que eram ao mesmo tempo as próprias imaginações do autor da vida que ele desejava levar.

Um rótulo menos específico também foi aplicado a *Zanoni*. Por causa da menção aberta da Rosacruz e outros fatores, *Zanoni* foi categorizado por alguns estudiosos simplesmente como ficção oculta (Webb 2016, 28). Se entende que o campo do oculto inclui sociedades místicas, alquimia, estudo de estrelas, telepatia, projeção psíquica, experiências de sonho e comunicação espiritual, então o tratamento fictício em *Zanoni* se qualifica facilmente como ficção oculta. Certamente, a voz narrativa do texto invoca a Irmandade Rosacruz como a fonte da história e faz referência especificamente ao folclore caldeu em um momento importante da trama (Bulwer-Lytton 1845, 115). Essas e outras menções semelhantes tornam essa reivindicação de gênero talvez tão legítima quanto qualquer outra. Visualizar *Zanoni* através das lentes do gênero de ficção oculta coloca em primeiro plano os interesses do autor nos aspectos psíquico, metafísico e paranormal, enquanto também permite que esses fatores no enredo sejam considerados por seu próprio valor, e não como meros dispositivos de enredo.

Em qualquer gênero ou gêneros, *Zanoni*, de Bulwer-Lytton, em última instância e com razão, uma verdade geral sobre a abordagem do autor permanece relevante em qualquer estudo do texto em questão. Mais fundamentalmente, Bulwer-Lytton adaptou sua apresentação às expectativas dos leitores vitorianos. Como comentou um estudioso da literatura vitoriana: "O espírito da época exigia dos romancistas que eles fossem instruídos, profundos, atenciosos, filosóficos, professores e guias do povo" (Walker 1910, 754). O espírito da época era, obviamente, representado pelas escolhas do público leitor. Como representantes desse espírito, os leitores vitorianos constituíam o barômetro da época. Eles gravitaram e compraram os livros de autores como Bulwer-Lytton que poderiam, contra as ansiedades e incertezas do período, informar e inspirá-los com ideias dignas.

Um escritor como Bulwer-Lytton forneceu o que a fé cristã decadente não podia mais - ideais brilhantes que vale a pena perseguir. Este foi o Santo Graal literário pelo qual os leitores vitorianos tinham sede. Aparentemente, diante desse desafio, Bulwer-Lytton aumentou, pois, como os críticos continuam atestando, todas as suas produções literárias foram caracterizadas pela elegância do pensamento e da filosofia, pelo rigor intelectual e pelo esforço de disseminar o conhecimento enobrecedor pela ficção, fato que definiu Bulwer-Lytton acima e além de outros escritores da Era Vitoriana (Brown 2004, 30; Powell et al. 2001, 61). Para esse fim, em todas as suas obras, Bulwer-Lytton incorporou os traços de seus interesses sofisticados e refinados, incluindo os clássicos e a metafísica (Powell et al. 2001, 62). Como resultado, quando Bulwer-Lytton faleceu em 1873, ele foi reconhecido e elogiado como a principal figura literária da Inglaterra (Brown 2004, 29). Esse espírito de conhecimento elevado pelo qual Bulwer-Lytton foi reconhecido no final de sua carreira de escritor também respira nas páginas de seu romance em meio de carreira, *Zanoni*, um romance tão diverso e rico que merece todas as classificações de gênero discutidas enquanto também procura enobrecer, elevar e instruir. Como tal, o caráter intelectual de *Zanoni* é evidência da própria valorização do autor de vários campos de estudo - ocultismo e classicismo, particularmente, como será mostrado.

III. Vida e interesses do autor

Adulto, no início da Era Vitoriana de 1837 a 1901, a figura literária britânica Sir Edward Bulwer-Lytton viveu de 1803 a 1873 (Powell et al. 2001, 61). Embora não tenha nascido em grande riqueza (Brown 2004, 39), Bulwer-Lytton se beneficiou da educação de um cavalheiro inglês clássico e teve a sorte de herdar cedo uma sofisticada biblioteca acadêmica de seu avô materno (Powell et al., 61). Através do conteúdo desta biblioteca, Bulwer-Lytton caiu sob o feitiço da metafísica alemã e, depois, na faculdade, sob o encanto da Itália (Powell et al. 2001, 62), país que mais tarde ele visitou e reuniu experiência para as configurações usadas em grande parte de sua ficção subsequente (Walker 1910, 647). Os anos de faculdade de Bulwer-Lytton também o colocaram sob a influência do teórico político francês Jean-Jacques Rousseau, uma fonte de inspiração que surgiria uma década depois em *Zanoni* como uma trama entrelaçada com o curso da Revolução Francesa.

No entanto, não havia nada sobre o qual Bulwer-Lytton fosse mais apaixonado do que a metafísica, o misticismo, o ocultismo e a comunicação espiritual (Walker 1910, 651). De fato, de acordo com um proeminente estudioso de Bulwer Lytton, o autor estava literalmente imerso no paranormal, incluindo mesmerismo e pesquisa psíquica (Mulvey-Roberts 2002, 86). Com uma profunda convicção da imortalidade da alma, Bulwer-Lytton investigou o campo do ocultismo a sério, consultando médiuns espirituais da Era Vitoriana e hospedando o célebre comunicador espiritual D.D. Casa na residência da família Bulwer-Lytton em Knebworth, Inglaterra (Mulvey-Roberts 2002, 86; Webb 2016, 27; Walker 1910, 651). O próprio Bulwer-Lytton era conhecido por ter adotado a prática de conversar com fantasmas (Webb 2016, 27), uma habilidade talvez facilitada pela aquisição, já que sua residência em Knebworth era supostamente assombrada (MulveyRoberts 2002, 84). Além disso, a imaginação de Bulwer-Lytton prosperou no místico e misterioso, fato refletido no mobiliário de sua casa. Sua residência em Knebworth era decorada em verdadeiro estilo gótico, povoada de grifos, gárgulas e outras criaturas míticas (Mulvey-Roberts 2002, 84). Entre seus efeitos estavam um cachimbo de ópio e um autêntico crânio de um antigo sacerdote egípcio (Mulvey-Roberts 2002, 88).

No entanto, para Bulwer-Lytton, o ocultismo era muito mais do que mero entretenimento ou decoração. Foram encontradas evidências que mostram que Bulwer-Lytton era um membro praticante da Ordem Rosacruz mística e esotérica de sua época, na qual ocupava uma alta posição de liderança (Webb 2016, 32). Além disso, Bulwer-Lytton reivindicou a faculdade de previsão ou pré-reconhecimento, que ele costumava realizar leituras psíquicas para conhecidos, um assunto conhecido por ter carregado profundas conotações para ele (Walker 1910, 652; Webb 2016, 37). De acordo com essa postura visionária, Bulwer-Lytton abraçou os sonhos como fonte de inspiração literária. No ano de 1835, Bulwer-Lytton experimentou o sonho de um mago que havia descoberto um elixir de vida capaz de apagar doenças, idade e morte (Mulvey-Roberts 2002, 86). O tema central do sonho formou a noção central que Bulwer-Lytton usaria para escrever *Zanoni*, eventualmente publicada sete anos após o sonho instigante (Mulvey-Roberts 2002, 86).

Claramente, Bulwer-Lytton seguiu sua própria versão do caminho espiritual, não restringida pelo paradigma cristão dominante da cultura circundante. Embora ele tenha se afiliado livremente à Igreja da Inglaterra, é provável que a escolha de o fazer tenha decorrido da necessidade de manter as aparências, e não de uma afinidade doutrinária real (Webb 2016, 27). Em vez do cristianismo, Bulwer-Lytton seguiu a metafísica e o classicismo (Powell et al. 2001, 62). De fato, Bulwer-Lytton finalmente contribuiu para uma importante tendência literária vitoriana que caracterizou a apresentação do mundo clássico antigo como um desafio aos aspectos da doutrina cristã, uma postura ousada que, em sua época, expôs qualquer

escritor a fazer sérias ameaças de processo legal e prisão (Goldhill 2011, 156, 199, 202). No entanto, mesmo isso não impediu Bulwer-Lytton de integrar o metafísico em suas obras de ficção. Assim como a vida de Bulwer-Lytton estava cheia de médiuns, ambiente gótico e conexões organizacionais esotéricas, seus livros estavam cheios de alquimia, astrólogos e Cabala (Webb 2016, 28).

Refletindo seus interesses, a vida pessoal de Bulwer-Lytton era imaginativa. Quando jovem, ele se casou em uma tribo cigana, embora esse casamento tenha sido dissolvido mais tarde, seguido de um casamento convencional, mas notoriamente turbulento (Walker, 1910, 646). Quando perguntado uma vez sobre o conceito de influência psíquica ou magnetismo animal, ele tem a reputação de ter respondido que não havia outra pessoa viva que se aprofundou no assunto mais do que ele (Webb 2016, 37). Assim, parece bastante claro que a vida espiritual de Bulwer-Lytton cortou seu próprio curso através do não convencional, paranormal, oculto e metafísico. Como resultado, o Rosacruzianismo, a precognição, os sonhos, a alquimia e a comunicação espiritual ocupam um lugar de destaque no *Zanoni* de Bulwer-Lytton. Além disso, Bulwer-Lytton empregou esses temas de maneira a usá-los como pontos de ensino e não apenas como melhoradores de humor. De fato, diz-se que Bulwer-Lytton foi pioneiro em um estilo literário que instruiu enquanto entretinha; foi dessa maneira que o autor compartilhou seu amor pela metafísica, pesquisa psíquica e ensinamentos esotéricos com seus leitores (Mulvey-Roberts 2002, 86).

O efeito consequente foi impressionante. Em resposta a *Zanoni* e outros romances escritos por Bulwer-Lytton, ele foi considerado, em meados da década de 1850, o principal romancista de sua época e, no final da década de 1850, foi aclamado por um ensaísta destacado como "inquestionavelmente o maior romancista vivo da Inglaterra" (Brown 2004, 29). Paralelamente a esses elogios da crítica, Bulwer-Lytton desfrutava de uma popularidade feroz, com os leitores a acompanhar cada publicação (Brown 2004, 30). Como resultado, Bulwer-Lytton alcançou um grau de remuneração e riqueza simplesmente inédito para um escritor de romances de sua época (Brown, 2004, 29). Obviamente, Bulwer-Lytton também teve seus detratores. Acusações de postura vazia, bombardeio, encenação e charlatanismo certamente surgiram (Brown 2004, 32; Walker 1910, 652). Mesmo assim, Bulwer-Lytton ainda é considerado uma figura central na cultura literária da era vitoriana (Brown 2004, 35).

IV. Temas em *Zanoni* que refletem as classificações de gênero e os interesses dos autores

A. Fenômenos Paranormais, Fantasma e Gótico

Quase todas as páginas de *Zanoni* contêm referências a eventos e entidades que certamente se qualificariam como paranormais. Desde o início da história até as páginas finais, o enredo trata de casos de presciência, telepatia, sensibilidade psíquica, aparência de espíritos, invocação intencional de espíritos, poções mágicas e elixires que alteram a mente e o corpo e os estranhos efeitos que envolvem a busca do conhecimento esotérico. Grande parte da atividade paranormal emana do personagem para quem o livro é nomeado, apresentado como um adepto fabulosamente bonito com poderes surpreendentes de telepatia, precognição e influência psíquica. Por exemplo, no início da narrativa, um relato das habilidades de *Zanoni* é prestado por um espectador italiano que relata: "Ele fixou os olhos no siciliano; nunca esquecerei esse olhar! É impossível descrever ... congelou o sangue nas minhas veias. O siciliano cambaleou para trás como se tivesse sido atingido. Eu o vi tremer; ele afundou no banco ..." (Bulwer-Lytton 1845, 60). Nesta passagem, o leitor deve entender que *Zanoni* é

capaz de deter qualquer agressor com o poder de um simples olhar, sugerindo considerável força mental em jogo por trás da óbvia ação física. A caracterização dessas habilidades paranormais por Bulwer-Lytton sugere que ele pretendia chamar a atenção para esses aspectos do funcionamento humano de forma a apresentá-los como possibilidades às quais todos poderiam alcançar. De fato, a trama gira em torno do desejo do personagem secundário Clarence Glyndon de entrar em uma tutela com o protagonista *Zanoni* ou seu associado Mejnour exatamente para esse fim. Embora muitos possam interpretar o uso de habilidades extraordinárias de Bulwer-Lytton como nada além de sensacionalismo, projetado para atrair leitores e vender livros, é mais provável que o autor tenha compartilhado de seu próprio respeito pelo desenvolvimento psíquico e espiritual no que equivale a um texto instrucional incorporado na ficção. Tal noção pode encontrar apoio da prevalência do tema paranormal na trama de *Zanoni*.

Outro exemplo de fenômeno paranormal ocorre quando o protagonista *Zanoni* usa seu poder de pensamento ou projeção psíquica para proteger a protagonista feminina e a casa da sua família da invasão de forças de bandidos locais. O protagonista *Zanoni* nunca aparece em cena, mas age de longe durante a noite para interromper o ataque. De manhã "... três homens foram encontrados mortos no limiar da entrada principal ..." (Bulwer-Lytton 1845, 205). Aqui, novamente, a implicação óbvia é que o protagonista *Zanoni* opera uma poderosa força psíquica, algo além dos métodos humanos normais. O mesmo se aplica aos seus poderes de precognição, apresentados quando ele prediz com precisão a ocorrência e a hora do dia em que uma pessoa eminente falecerá (Bulwer-Lytton 1845, 113-115). Igualmente impressionantes são as capacidades de *Zanoni* de convencer os espíritos do ar e as dimensões espirituais mais elevadas a se manifestarem de forma tangível, uma tarefa que ele realiza em um episódio durante o qual invoca Adonai, morador do raio estelar, em uma caverna à beiramar grega (Bulwer-Lytton 1845 207). Todos esses desenvolvimentos da trama, e muitos outros, posicionam a história firmemente na região paranormal e a intenção de Bulwer-Lytton, em primeiro plano, de chamar a atenção para a mecânica dos fenômenos paranormais.

Não é aí que Bulwer-Lytton para, entretanto, na criação de uma atmosfera exótica e emocionante. Assim como *Zanoni* é paranormal em uma direção, também é gótico em outra devido à sua inclusão de assombrações, castelos, digressões autorais e prolixidade estilística. As assombrações aparecem no castelo do severo mestre de obras ocultas Mejnour, onde o impulsivo buscador espiritual inglês Clarence Glyndon tropeça em uma câmara deliberadamente encantada contendo uma névoa branca sedutora, mas perigosa, que se transforma em uma entidade espiritual ameaçadora e serpentina. Em seu primeiro encontro com a névoa, Glyndon "... viu formas escuras e espectrais flutuando na névoa ...", o que o deixou tão desconcertado que quase desmaiou de medo (Bulwer-Lytton 1845, 183). As digressões autorais não estão muito atrás. De fato, bem no meio dessa cena emocionante, a voz narrativa começa na discussão de uma pintura clássica que descreve o Rio dos Mortos em Hades e a técnica pictórica usada para evocar uma atmosfera estranha (Bulwer-Lytton 1845, 183). Além disso, a prolixidade acompanha a digressão, onde o leitor encontra "... e as coisas sem sangue que a arrendatavam não tinham vida, suas formas se misturavam com as águas mortas até que, enquanto os olhos continuavam a olhar, deixaram de discerni-las do elemento sobrenatural que deveriam habitar" (Bulwer-Lytton 1845, 183).

Assim, elementos distintivos do gênero gótico se agrupam visivelmente nessa passagem, típica de grande parte da novela em conteúdo e tom. O fato de Bulwer-Lytton integrar características tão inconfundíveis do gênero gótico em *Zanoni* sugere que o autor entendeu o apelo popular desse gênero e se deliciou com seu próprio ambiente. Digressão e prolixidade

estilística parecem vir naturalmente para Bulwer-Lytton, que interrompe o fluxo da trama regularmente para pontificar sobre tudo, desde a sabedoria clássica até a filosofia sócio-política subjacente à Revolução Francesa. No entanto, esses aspectos e sua verbosidade correspondente desempenham um papel importante, pois dão ao autor tempo e espaço para mostrar suas coisas como um filósofo metafísico abstrato, bem como um crítico social e historiador. Portanto, parece que Bulwer-Lytton abraçou e tomou emprestado do gênero gótico, tanto porque se encaixava com sua paixão pelo ocultismo quanto porque o formato nativo desse gênero sustentaria sua necessidade de abordar diretamente o leitor com uma *metanarrativa* dançando sobre e acima da aparente linha da história. O narrador gótico reflexivo é, portanto, um papel confortável para Bulwer-Lytton, uma oportunidade para comentar o significado mais profundo das lutas em que ele lança seus personagens e um momento ao sol para anunciar sua marca particular de crença metafísica.

No entanto, *Zanoni*, de Bulwer-Lytton, vai muito além do mero conteúdo gótico, evidenciando marcadores claros do gênero gótico metafísico, integrando uma abordagem intelectual aos assuntos da magia e do misticismo, chegando ao ponto de incorporar referências acadêmicas e discutir princípios filosóficos abstratos no fluxo do texto fictício. Por exemplo, a Seção VI do Capítulo 2 é encabeçada por uma citação substantiva do Conde de Gabalais a partir de uma tradução da sátira épica do século XVIII do Papa Alexander, *The Rape of the Lock*. A citação diz respeito ao difícil problema de determinar se um indivíduo tem conhecimento e poder mágicos. O fato de ter sido emprestado do cânone literário inglês sugere que Bulwer-Lytton pretendia estimular o interesse do leitor pela literatura tradicional e de qualidade, que pode ter incluído os mesmos temas com os quais ele estava preocupado. De qualquer forma, a referência ao Papa acrescenta um componente erudito e intelectual à experiência de leitura, um marcador do gênero gótico metafísico.

Imediatamente após o trecho do Papa, há uma página inteira de reflexões filosóficas gerais a serviço do esotérico, como "A filosofia real busca mais resolver do que negar" e "... um conhecimento mais erudito sabe que, pelos alquimistas, as maiores descobertas na ciência foram feitas, e muita coisa parecerá obscura, se tivéssemos a chave da fraseologia mística ..." (Bulwer-Lytton 1845, 80). Essas observações (e muitas outras) interrompem a ação e parecem conter o enredo em animação suspensa, enquanto o autor trata das questões filosóficas subjacentes e paralelas à ação. Em todo *Zanoni*, Bulwer-Lytton incluía seções dessa natureza que não saem de nenhum personagem, mas da voz do narrador e que operam completamente à parte do fluxo da história. A inclusão de tais elementos textuais sugere fortemente que Bulwer-Lytton abrigava pelo menos dois propósitos - primeiro para entreter e encantar seus leitores, e segundo para instruir e melhorar. O último desses dois objetivos revela a seriedade e reverência que Bulwer-Lytton estimou a natureza e o conteúdo do estudo metafísico e esotérico. Esses campos de investigação foram suficientemente importantes para que Bulwer-Lytton educasse respeitosamente seus leitores sobre os princípios gerais de seus assuntos favoritos, em vez de simplesmente escrever para leitores supostamente crédulos e impressionar os ingênuos com histórias surpreendentes.

B. Classicismo, Multiculturalismo e o gênero Fashion Fork ou Silver Fork

Se Bulwer-Lytton pretendia expandir a consciência de seus leitores ingleses vitorianos através da filosofia metafísica, ele pretendia também ampliar seus quadros de referência através da exposição às atmosferas de outros tempos e lugares. *Zanoni* é repleto de referências a filósofos clássicos, marcos antigos associados a figuras-chave no desenvolvimento cultural ocidental, locais continentais verídicos e locais dos anos 1700 e os lugares e estilos de vida

dos poderosos e prestigiados. Seria impossível ler este romance e deixar de experimentar uma jornada mental através do tempo, grandes casas e castelos em ruínas, juntamente com a Itália e a França do século XVIII, urbanas e rurais. Nenhum leitor de *Zanoni*, de Bulwer-Lytton, poderia ser acusado de não expandir a mente por meio de uma viagem de poltrona.

O autor inclui uma deslumbrante lista de sábios e lugares retirados da antiguidade clássica, um interesse especial próprio que certamente acrescenta um elemento de refinamento à experiência de leitura e que conota um respeito pelo aprendizado clássico. Além disso, a menção dos filósofos clássicos se encaixa no método pedagógico da Ordem Rosacruz, reivindicada pelo preâmbulo do texto como a fonte da história e que sustenta que todos os grandes filósofos da antiguidade foram iniciados pelas tradições misteriosas que informaram as doutrinas da ordem. A Ordem, portanto, defende o estudo dos grandes nomes clássicos e de seus descendentes intelectuais com o objetivo de avançar no caminho metafísico. Talvez em uma tentativa de apoiar essa agenda, Bulwer-Lytton revele os nomes de Pitágoras, Iamblico, Heródoto e Virgílio, cuja tumba fornece o local para um episódio importante situado fora de Nápoles do século XVIII (1845, 111, 112, 115 178, 205, 206). Ele fala dos mistérios egípcios, considerados pelos rosacruzes como uma das primeiras fontes de ensinamentos metafísicos (1845, 148), alude à misteriosa civilização etrusca que antecedeu Roma (1845, 148) e subiu nos primeiros séculos da Era Cristã, toca nos mágicos alexandrinos Appollonius e Paracelsus (1845, 114, 180).

Grande parte da alusão ao aprendizado clássico surge no diálogo, falado pelo erudito *Zanoni* e seu associado, o severo capataz Mejnour. Por exemplo, *Zanoni* confronta o entusiasmado inglês Glyndon sobre a inquietação emocional perturbadora do jovem, identifica essa característica como um impedimento no caminho metafísico e diz a Glyndon: “Sua natureza deseja a harmonia, a música que, como ensinaram os pitagóricos, em uma vez eleva e acalma” (Bulwer-Lytton 1845, 112). Somente um leitor desatento poderia deixar de notar a implicação. É como se o adepto esotérico *Zanoni* tivesse saído das páginas do romance e aconselhado qualquer leitor genuinamente interessado em desenvolver os mesmos poderes ativos no personagem *Zanoni* a se curvar e ler Pitágoras na música. As dicas para os sábios estão todas presentes e exibidas de maneira inteligente, as migalhas intelectuais, cuidadosamente elaboradas em diálogo que pode ser entendido como dirigido diretamente ao leitor, funcionando assim não apenas como entretenimento, mas também como orientação espiritual ou educacional rica em conteúdo. Aqui está o amor de Bulwer-Lytton ao classicismo trabalhando a serviço de seu amado caminho da metafísica e do misticismo.

Se Bulwer-Lytton estava ansioso para empurrar seus leitores ao longo do caminho do desenvolvimento metafísico através do estudo da aprendizagem clássica, ele estava igualmente empenhado em expandir as mentes de seus leitores através de um contexto multicultural e multilíngue. Ao longo do romance, o *multilinguismo* é apresentado como um grande trunfo, com o domínio de *Zanoni* do inglês, italiano, francês, turco e grego um modelo nessa direção (Bulwer-Lytton 1845, 81, 205). O curso do romance em si passa de Nápoles urbana do século XVIII às idílicas Ilhas Gregas e Paris *boulevardé* durante a Revolução Francesa. Além disso, a Alemanha do século XVII é o local do recém-emergido movimento Rosacruz mencionado nas primeiras páginas do romance como a fonte da história de *Zanoni*, implicando assim a presença da língua alemã. O comandante Mejnour vem de um ambiente não especificado no Oriente ou no Oriente Médio, e *Zanoni* passou um tempo na Índia, trazendo de volta os nativos daquele país em suas roupas indígenas como funcionários cuidando de suas propriedades. Assim, as páginas de *Zanoni*, de Bulwer-Lytton, expuseram sua audiência de leitura às culturas e idiomas de sete ou oito países, todos totalizados,

desabilitando-os de qualquer visão de túnel vitoriana inglesa da qual pudessem ter sofrido. Como estudioso da literatura vitoriana, Martin Bidney disse: "O romance vitoriano seria uma coisa muito diferente e menor sem o estímulo da imaginação e das ideias filosóficas da Alemanha, França, Itália e Rússia" (Bidney, 99). Bulwer-Lytton estava no *front-end* dessa onda, incluindo elementos de três dos quatro países mencionados por Bidney e acrescentando vários de sua autoria. Nessa abordagem para a criação da ficção de gênero, Bulwer-Lytton estava em sintonia com seus contemporâneos, se não um pouco à frente, apenas seguindo sua própria bússola interna, uma vez que apontava para um mundo maior e mais amplo.

No entanto, Bulwer-Lytton não estava satisfeito em elevar a visão de seu leitor através da integração de elementos de classicismo e multiculturalismo em *Zanoni*. Avançando em todos os aspectos possíveis, o autor também procurou refinar os gostos de seus leitores através da inclusão de elementos próprios do romance chamado Elegante, Sentimental ou Literatura do "Berço de Ouro". De acordo com os requisitos desse gênero, *Zanoni* segue as histórias de vários indivíduos com dinheiro que têm o lazer de buscar a metafísica como sua principal ocupação diária. Embora o romance da moda em geral trate da classe privilegiada não necessariamente envolvida em atividades metafísicas, em *Zanoni* de Bulwer-Lytton, o desenvolvimento pessoal na ciência da metafísica é o objetivo divertido perseguido da mesma maneira que as viagens e festas educadas em outros romances da moda. Por exemplo, o personagem secundário Clarence Glyndon é um rico viajante inglês interessado em desenvolver telepatia e precognição, o protagonista *Zanoni*, um adepto fabulosamente rico que aparentemente pode atrair qualquer coisa material ou existencial que ele deseje, e o capataz Mejnour um místico sem preocupações materiais. residente confortável de um castelo remoto na montanha.

Vários episódios da trama ocorrem em palácios e vilas de napolitanos ricos (e inescrupulosos) (Bulwer-Lytton 1845, 146), completando assim a imagem de um mundo aristocrático e exclusivo, típico do romance da moda. No entanto, também deve-se dizer que Bulwer-Lytton guia a narrativa pelas colinas montadas por bandidos acima de Nápoles e pelas ruas arenosas de Paris durante a violenta Revolução Francesa. Ainda assim, grande parte do romance ocorre entre os gentis e os mais favorecidos, refletindo assim os principais interesses do gênero de romance da moda, fazendo-o pelo movimento necessário do enredo carregado de emoções por longos segmentos de diálogo.

Por exemplo, quando *Zanoni* confronta um grupo de homens antitéticos aos seus propósitos, toda a cena é transmitida por bandidos verbais (Bulwer-Lytton 1845, 58), como é comum no romance da moda como romance de conversação. Completando o tema do romance da moda, Bulwer-Lytton inclui menção a locais de entretenimento reais, ruas, edifícios e marcos históricos. Por exemplo, uma cena-chave envolvendo a protagonista feminina acontece no túmulo do poeta romano Virgílio, nos arredores de Nápoles (Bulwer-Lytton 1845, 126). Outra cena transparece no Monte Vesúvio (Bulwer-Lytton 1845, 132), no século XVIII, um popular destino turístico. A própria Nápoles se torna objeto de uma descrição colorida, como Bulwer-Lytton narra: "Ao retornar do Vesúvio ou de Pompéia, você entra em Nápoles pelo bairro mais animado ... bairro napolitano - naquele bairro em que a vida moderna se parece mais com a antiga ..." (1845, 138). Dessa forma, Bulwer-Lytton integrou as preocupações educadas do gênero Elegante, Sentimental ou Literatura do "Berço de Ouro", que certamente falava com os desejos de seus leitores vitorianos por viagens caras e entretenimento elegante.

C. Idealismo vs Realismo, Espiritismo vs Materialismo e Arte vs Comércio

A divisão entre os reinos mais elevados do pensamento, tão amado por Bulwer-Lytton, e o mundo comum do comércio e da concorrência é um tema marcado ao longo do romance. O autor até suspende a ação da trama para filosofar sobre esse mesmo conflito, que pode muito bem ser a tensão central em todo o romance. Frequentemente, o personagem Clarence Glyndon encarna esse conflito, dividido entre a voz de sua musa artística, por um lado, e a voz de seu conhecido pragmático Mervale, por outro. A luta interior de Glyndon coloca sua atração pela pintura contra seu medo de desaprovação social e exclusão econômica de seu conservador círculo vitoriano na Inglaterra. Bulwer-Lytton encena o conflito interno de Glyndon em torno desse tema, de forma a incorporar todas as tensões da alma contrastada com o corpo, do espírito contrastado com a materialidade e o idealismo contrastado com o realismo comercial.

Comentando como um narrador que se permite a liberdade de abordar diretamente seus personagens e seus leitores, Bulwer-Lytton escreve: “Você deve ter um sentimento - uma fé no que é auto sacrifício e divino, seja na religião, na arte, na glória. ou na paixão. Ou o senso comum o fará sem sacrifício, e o silogismo rebaixará o Divino a um artigo de mercado” (1845, 92). O autor continua instando Glyndon e o público leitor a reconhecerem que “... a ordem mais alta da arte ... é a luta perpétua da Humanidade para se aproximar dos deuses” (1845, 92), equiparando assim a busca da arte ideal à busca espiritual. Bulwer-Lytton, então, resolve a dualidade de espírito e matéria, produzindo um epíteto ou provérbio metafísico: “Aqueles que comandam melhor o ideal, desfrutam o máximo do real” (1845, 110), declarado à parte do narrador. Sua recomendação é clara. Para todos os buscadores espirituais que possam estar lendo, Bulwer-Lytton sugere que a ênfase principal seja colocada no ideal, no espiritual e na arte, em contraste com o real, material e comercial.

Nesse viés, Bulwer-Lytton articula o mal-estar vitoriano generalizado com a industrialização e a comercialização rastejantes. Ele é uma voz do antigo e do estético como paliativos ou mesmo corretivos para uma cultura secular cada vez mais grosseira e abrasiva. Por fim, Glyndon age de acordo com o conselho autoral de Bulwer-Lytton, bem como com a insistência direta de *Zanoni* na ação da trama. Em um momento inspirado, Glyndon repudia dramaticamente a perspectiva materialista sombria de Mervale e opta por se lançar em sua arte pictórica (Bulwer-Lytton 1845, 106). As consequências se seguem, mas o argumento foi levantado e as escalas de julgamento se voltaram para a arte acima da aprovação social, do espírito sobre a matéria e do ideal em preferência ao real.

D. Filosofia espiritual embutida na conversa e no gênero de ficção oculta

O fato de Bulwer-Lytton ter a intenção de chamar a atenção de seu público leitor para certos princípios filosóficos e metafísicos é evidenciado na maneira como ele usa seus personagens para articular ideias-chave. O adepto do ocultismo *Zanoni* funciona como um dos porta-vozes preferidos de Bulwer-Lytton, frequentemente dando voz a longas declamações sobre a natureza da consciência, o papel do desejo, a importância da autodisciplina e o conflito pungente entre a vida ascética e as necessidades emocionais do ser humano.

Muitas vezes aparentemente solitário em seu elevado ponto de vista, *Zanoni* em suas homilias parece ensinar os personagens menos magistras do romance. Por exemplo, ao admoestar o jovem Glyndon para controlar sua mente e emoções excessivamente ativas, *Zanoni* declara: “...a verdade não pode mais ser vista pela mente despreparada para ela, assim como o sol pode nascer no meio da noite” (Bulwer-Lytton, 1845, 111). *Zanoni* continua aconselhando Glyndon que a obtenção de serenidade absoluta é necessária para a detecção de altas verdades (Bulwer-

Lytton 1845, 111). Pouco tempo depois, é *Zanoni* quem aponta novamente para Glyndon que, se alguma coisa impede o progresso metafísico, é o medo e as perturbações que ele traz à mente e às emoções (Bulwer-Lytton 1845, 114). Nessas três passagens, Bulwer-Lytton emprega descaradamente um de seus personagens principais para transmitir pontos de ensino espiritual que têm relevância não apenas dentro da trama, mas também fora dela. A importância da preparação adequada, da serenidade e do domínio do medo são ideias que Bulwer-Lytton deseja lançar na mente de seus leitores através dos discursos de *Zanoni*. Aqui está a arte literária de Bulwer-Lytton a serviço de seu papel como sábio e guia metafísico. Novamente, o autor instrui durante o importante negócio de entretenimento.

Os princípios filosóficos e metafísicos incorporados na conversa acrescentam mais uma camada de informações transmitidas, enquanto Bulwer-Lytton fala através do pressuposto e exigente mestre de tarefas Mejnour. É Mejnour quem, em conversa com Glyndon, revela a exata herança da ordem esotérica à qual ele e *Zanoni* pertencem e dos quais são os dois únicos membros sobreviventes. Fundada antes do ano 1300 d.C. e precursora dos rosacruzes vitorianos, sua Ordem é uma organização oculta que promove a longevidade por meios naturais e busca um conhecimento mais alto através do uso de alquimia, invocação de espírito, estudo de números e contemplação de estrelas (Bulwer-Lytton 1845 180 - 181). Mejnour articula algumas das crenças da Ordem quando revela, em conversa com Glyndon, que o espaço é infinito (Bulwer-Lytton 1845, 188) e que as leis que regulam a criação decretam que “nada de iníquo pode durar” (Bulwer-Lytton 1845 148). Dessa maneira, o autor introduz as especificidades da filosofia esotérica do mundo real em seu conto ficcional.

Ao longo do romance, *Zanoni* e Mejnour atuam como porta-vozes da doutrina esotérica à qual Bulwer-Lytton pretende chamar a atenção: em uma palavra, a da Ordem Rosacruz de sua época, da qual o autor era membro praticante e alto oficial. É para os ensinamentos desta Ordem atual existente na Inglaterra vitoriana (e anteriormente na Europa continental) que Bulwer-Lytton chama a atenção através das declarações de seus personagens fictícios, *Zanoni*, o adepto rosacruz e Mejnour, seu mentor e associado na Ordem.

E. Transcendência celebrada e questionada

Enquanto as aparições fantasmagóricas rodopiam, cenas tentadoras de viagens e estilo de vida privilegiado passam rapidamente e monólogos atormentados tratando a tensão entre o ideal e o real, a dinâmica mais profunda da trama de *Zanoni*, de Bulwer-Lytton, faz sua própria órbita em torno de uma questão metafísica profunda: estar um deus ou ser humano; essa é a questão. *Zanoni* como protagonista principal encontra-se exatamente nesse dilema, apesar de ter alcançado o status de imortal que vive há milênios (Bulwer-Lytton 1845, 125). O fato claro é que *Zanoni* está passando por algum tipo de teste inicial (Bulwer-Lytton 1845, 124), um teste que parece envolver uma decisão sobre se ele se unirá à humanidade e servirá compassivamente ao interesse comum ou se deixará o ser humano e a evolução para trás para sempre, como é ensinado pela escola oriental da qual Mejnour vem. Mejnour ajusta *Zanoni* a evitar o mundo humano, citando-o como uma região de crueldade terrível (Bulwer-Lytton 1845, 190). Por outro lado, Mejnour explica a Glyndon que poucos terráqueos podem suportar a busca da aptidão como a que *Zanoni* alcançou (Bulwer-Lytton 1845, 151). E o próprio *Zanoni* alerta o ingênuo Glyndon ir para longe do exigente caminho esotérico (Bulwer-Lytton 1845, 89). Enquanto isso, *Zanoni* deixa escapar várias vezes que ele não está tão emocionado com seu alto isolamento e pode se alegrar em renunciar à sua solidão sobre-humana (Bulwer-Lytton 1845, 152). De fato, à medida que o romance avança, *Zanoni* se apaixona cada vez

mais por uma mulher humana, uma famosa cantora de ópera napolitana e sensível espiritual chamada Viola.

Assim, Bulwer-Lytton apresenta o caminho da aptidão sob várias luzes. Pelos olhos de Glyndon, é um prêmio sedutor, cuja conquista apenas acalma sua alma. Pelos olhos de Mejnour, é a única alternativa (ainda que brutal) à natureza desagradável da vida terrena. Pelos olhos de *Zanoni*, é ao mesmo tempo exigente e gratificante, mas, no final das contas, não tão gratificante quanto a bem-aventurança do amor humano.

Ao apresentar o caminho da aptidão esotérica dessa maneira, Bulwer-Lytton alimentou uma profunda questão filosófica, que atormentou os caminhos religiosos e espirituais por eras: É mais essencial desvincular-se das preocupações terrenas ou mais essencial para se misturar com a vida humana e praticar a sabedoria espiritual nesse contexto? Bulwer-Lytton fez a pergunta e deu uma resposta na forma da escolha do protagonista *Zanoni* de abandonar sua serenidade perfeita para experimentar uma existência mais humana com sua amada Viola.

Ao virar o enredo nessa direção, Bulwer-Lytton expressou sua própria suposição de que muita transcendência leva a aridez e desequilíbrio espiritual, como simbolizado no comportamento plano de Mejnour e, às vezes, na natureza insensível. Com a escolha do protagonista de se voltar para a existência humana, *Zanoni* termina afirmando o valor da vida humana e a maravilha dos reinos espirituais, mas não sacrificando o primeiro ao segundo. Assim, Bulwer-Lytton responde sua própria pergunta sobre o grau em que o caminho ascético deve ser seguido. Sua resposta em *Zanoni* é simples: sim, persiga a estrela espiritual mais alta, mas não ao ponto de insensibilidade.

V. Conclusão

O romance de Edward Bulwer-Lytton, intitulado *Zanoni*, incorpora e exemplifica pelo menos três gêneros significativos para o mundo literário vitoriano - 1) Fantasma ou gótico, 2) Elegante, Sentimental ou Literatura do “Berço de Ouro” e 3) Ficção oculta. As características desses gêneros se misturam com o interesse inato do autor em metafísica, ocultismo, classicismo, idealismo e filosofia espiritual para formar uma rica oferta intelectual que aborda questões existenciais conhecidas em todas as idades, mas que estavam sendo examinadas particularmente na era vitoriana. A mensagem dominante do romance é que, enquanto a comunhão com os mundos espirituais superiores enobrece a *psique* humana, o esforço para se separar completamente das preocupações terrenas parece ir contra a verdadeira natureza humana. O autor dirige o enredo de forma a afirmar o valor da vida e da experiência humanas, mesmo diante de desmoralizantes forças políticas e sociais. Dessa forma, Bulwer-Lytton segue seu próprio caminho no pensamento vitoriano e se torna um líder do sentimento público, como demonstrado por sua vasta e impressionante popularidade literária.

Referências

Armitt, Lucie J. 2002. “Ghosts and Hauntings in the Victorian Novel.” *A Companion to the Victorian Novel*. W. Baker and K. Wommack. Eds. Westport: Greenwood. 151 – 162.

Bidney, Martin. 2002. “Philosophy and the Victorian Literary Aesthetic.” *A Companion to the Victorian Novel*. W. Baker and K. Wommack, Eds. Westport: Greenwood, 99 – 110.

Brown, Andrew. 2004. "Bulwer's Reputation." *The Subverting Vision of Bulwer-Lytton: Bicentenary Reflections*. Ed. A.C. Christensen. Newark: University of Delaware Press. 29 – 36.

Bulwer-Lytton, Edward. 1845. *Zanoni*. Reprint of 1845 facsimile of the 1842 edition.

Cronin, Richard. 2004. "Bulwer, Carlyle, and the Fashionable Novel." *The Subverting Vision of Bulwer-Lytton: Bicentenary Reflections*. A.C. Christensen, Ed. Newark: University of Delaware Press. 38 – 51.

Goldhill, Simon. 2011. *Victorian Culture and Classical Antiquity: Art, Opera, Fiction, and the Proclamation of Modernity*. Princeton: Princeton University Press.

Kitson, Peter J. 2002. "The Victorian Gothic." *A Companion to the Victorian Novel*. Baker, William and Kenneth Womack, Eds. Westport: Greenwood. 163 – 176.

Mulvey-Roberts, Marie. 2002. "Edward Bulwer Lytton." *Gothic Writers: A Critical and Biographical Guide*. Ed. D.H. Thomson, J.G. Voller, and F.S. Frank. Westport: Greenwood Press.

Powell, J.H., D. Blakeley and J.S. Olson, Eds. 2001. *Biographical Dictionary of Literary Influences: The Nineteenth Century, 1800-1914*. Westport, CT: Greenwood. 61 – 63.

Walker, Hugh. 1910. *The Literature of the Victorian Era*. Cambridge: Cambridge University Press.

Webb, Jessica. 2016. *What Lies Beneath: Orthodoxy and the Occult in Victorian Literature* Doctoral Dissertation. Ann Arbor: ProQuest.